

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

O SEXO E O CASAMENTO NOS CONTOS: BOM CONSELHO É MAIS RARO QUE RUBIS, DE SALMAN RUSHDIE E O CESTO, DE MIA COUTO. ¹
SEX AND MARRIAGE IN THE TALES: GOOD COUNCIL IS RARE THAN RUBIS, SALMAN RUSHDIE AND THE BASKET, MIA COUTO.

Ulisses Stefanello Karnikowski², Anderson Amaral De Oliveira³, Ana Laura Arnhold⁴

¹ Trabalho realizado no curso Letras: Português e Inglês da Unijuí

² Aluno do curso Letras: Português e Inglês da Unijuí; Bacharel em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda pela Unijuí.

³ Professor do curso de Letras: Português e Inglês da Unijuí.

⁴ Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura e Bacharelado.

Este trabalho tem por objetivo estabelecer uma análise comparativa dos contos Bom Conselho é Mais Raro que Rubis, presente no livro "Oriente, Ocidente" do escritor indiano Salman Rushdie e O Cesto do escritor moçambicano Mia Couto, presente no livro "O Fio das Miçangas". A análise é um produto de leituras e estudos de literatura inglesa contemporânea realizados do curso de Letras: Português e Inglês da Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí.

Para contextualizar os fatos percebidos, a análise segue os elementos do enredo apontados por Cândida Vilares Gancho (1991), com ênfase no clímax e no desfecho. O foco de análise está em perceber como a figura da mulher é representada em relação ao homem através dos simbolismos do casamento e, em menor grau, do sexo presentes nas obras.

Para conseguir entender os simbolismos presentes na história, antes, se faz necessário entender o que é o simbolismo do casamento, ou em sentido mais amplo, do contrato social. Em seu livro "O Contrato Sexual", Carole Pateman (p.15, 1993) diz que é através dos diversos contratos sociais que se difunde a dominação masculina, principalmente pelo patriarcado. Ela evoca a necessidade de se conhecer uma metade escondida na história: a metade contada pelas mulheres.

Para a autora, o fato de homens terem mais direitos do que as mulheres, se dá pelo contrato social ou sexual (p.16, 1993). Ainda, no mesmo sentido, Pateman defende que a sociedade não é mais patriarcal ou paternal, que os contratos não difundem uma dominação apenas familiar para as mulheres, mais do que isso: difundem a ideia de que as mulheres são subordinadas a todos os homens e que o casamento é uma das formas de domínio masculino que inicia em um contrato (p.18, 1993).

Para o sociólogo Pierre Bourdieu, o casamento também representa uma das instâncias de domínio simbólico masculino. Em seu livro "A Dominação Masculina", ele traz todas as esferas do feminino como bem simbólico na sociedade, e dentre vários, um destes bens é o casamento. Através da relação simbólica de superioridade e inferioridade, os homens impõem uma estrutura social calcada na imagem da mulher como um objeto, efetivamente um bem de consumo, que culmina no contrato do casamento (p. 27, 2002). Ainda, em relação ao casamento, Pateman diz que sua representação contratual está diretamente ligada ao sexo, o casamento é um contrato que dá direito e exclusividade às propriedades sexuais de seu companheiro, porém, um contrato

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

predispõe a relação de duas partes iguais e, percebemos, que as mulheres não são inseridas na educação política como os homens na sociedade (p.231-232, 1993).

No conto “O Cesto” de Mia Couto, a personagem, sem nome, é apresentada apenas como a esposa que resume seus dias a ir no hospital levar um cesto de comida ao marido internado. Durante todo o conto, discursado na primeira pessoa, retrata a visão servil e o sentimento de tristeza profunda da protagonista, que possui um desejo intermitente de que sua vida mude, seja pela morte do marido ou, se for o caso, dela própria .

Na abertura do conto, temos contato com o sentimento da personagem representado por uma hipérbole (milésima) enfatizando o esgotamento da rotina do casamento: “Pela milésima vez me preparo para ir visitar meu marido ao hospital” (p.21, 2016). Em contraste, também há uma marca temporal no início do conto de Salman Rushdie, porém, o tom não é de melancolia e sim de vivacidade, beleza: a srta Rehena, protagonista do conto ainda não está casada, apesar de comprometida, é solteira.

Os contrastes na apresentação das personagens seguem demonstrando a oposição de uma mulher casada e uma solteira, para uma a vida é triste e sem sentido, para a outra ainda é bela. A personagem de Mia Couto retrata a vida conjugal como algo doentio, que enfraquece a autoestima e mesmo tendo um companheiro, retrata uma visão de solidão, como quando diz: “Hoje será como todos os dias: lhe falarei, junto ao leito, mas ele não me escutará. Não será essa a diferença. Ele nunca me escutou”. Percebe-se, em contraste com a hipérbole que abre o conto, um intenso uso de tempo psicológico para aumentar a ideia de desespero da personagem: além de parecerem ter se passado milhares de dias, a personagem os passa, todos, refletindo, amargurada.

Ao contrário, a srta Rehena, de Rushdie é uma jovem que não só é muito bela, mas parece trazer o colorido junto consigo, como no trecho: “A srta. Rehena disse para o motorista que aquele era um belo ônibus, e ele saltou para fora e segurou a porta para ela, curvando-se teatralmente enquanto ela descia.” (p. 10, 2011). Percebe-se a diferença clara entre a visão das duas mulheres, diferença essa, reforçada pelo foco narrativo: no primeiro, em primeira pessoa, nos permite vivenciar ainda mais a tristeza e a melancolia da mulher casada; no segundo, em terceira pessoa e com discurso indireto, nos mantém longe da personagem, nos permitindo apenas visualizar seu aspecto exterior: sua beleza.

Nos dois contos as personagens estão seguindo um caminho, no de Mia Couto em direção ao hospital e no de Salman Rushdie em direção ao consulado inglês o destino delas também se assemelha, ambas vão em direção ao marido, uma já casada e a outra prometida por seu pai a um homem que ainda não conhece e que vive na Inglaterra. Outro ponto de intersecção é o simbolismo da rotina, contrastada pela mulher que ia todos os dias com o cesto no hospital e as mulheres que iam todas as terças no consulado, chegando ao passo de virarem “mulheres de terça”.

No conto de Rushdie, a personagem Rehena recebe os conselhos de Muhammad Ali sobre os riscos de ir a Londres encontrar seu noivo, a conversa dos dois se desenrola sob os olhares enciumados dos homens: “duas ou três dúzias de olhares masculinos estavam cravados nele com inveja, de que todos os outros homens da maloca comiam com os olhos a última adorável juvenzinha a ser atraída pelo velho e grisalho impostor” (p.12, 2010), retratados por uma figura de linguagem extremamente dura remetendo ao sexo e à bela jovem como um objeto a ser

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

consumido, uma deliciosa refeição, mas não disponível ao velho senhor; analogia que se reforça ao fato de a personagem estar comendo durante toda a cena: “ela o seguia, sem parar de comer as pakoras que estavam num pacotinho de papel de jornal. Não lhe ofereceu nenhuma.” (p12, 2011).

O alimento também está presente no conto de Mia Couto, inclusive servindo de simbolismo para o título e mantendo a mesma linha semântica do outro conto. A personagem levava comida ao marido, e era apenas no momento da refeição que ela tinha um resquício de relação e prazer, porém, um prazer unilateral: “Antes, ele devorava meus preparados. A comida era onde eu não me via recusada. (...) ajeito no fatídico cesto o farnel do dia, nesse fazer de conta que ele irá me receber de riso aberto, apetite devorador.” (p.22, 2016).

Colocando em contraste as duas passagens podemos perceber uma estreita relação do simbolismo sexual presente nas duas obras: na primeira, onde a personagem ainda é solteira, vemos a relação a uma comida saborosa, na segunda onde o casamento determina o sexo, a refeição é vista apenas como instrumento de agrado da mulher ao marido, que nem percebe os seus caprichos, apenas devora tudo sem olhar em volta.

Em ambas, o alimento, e aqui relacionando ao sexo, é apenas foco de consumo dos homens. No conto de Rushdie, a jovem não está acessível ao homem mais velho, assim como a comida, porém, tal relação se coloca simbolicamente possível quando, mais tarde, ela acaba por ficar na Índia, livrando-se de seu casamento arranjado, e ambos dividem uma refeição: “A srta. Rehana e um feliz Muhammad Ali comiam suas pakoras sentados no para-lama da frente” (2011, p.17). No conto de Mia Couto, o marido, ao contrário de Muhammad que se interessa pela vida da jovem, tem o alimento, ou o sexo, como algo acessível desde o início e assim, banaliza-o, não dá atenção aos anseios da esposa, apenas com seu “apetite devorador”.

O clímax dos dois contos se dá pela figura do casamento. Em ambos, as mulheres acabam por se verem livres dele e, a partir disso, se veem livres para buscar sua subjetividade. No conto “O Cesto”, a personagem se vê no espelho e passa a valorizar seu lado feminina ao se achar bonita, o seu tom muda da melancolia para a alegria: “Pela primeira vez há céu sobre minha casa. (...) Hoje descubro a rua, feminina. A rua, pela primeira vez, minha irmã.” (p. 24, 2016).

Posteriormente, seu marido morre e ela encara a situação com naturalidade, pois estava ansiosa por isso: era sua carta de alforria, “já queria que sucedesse” (p.24, 2016). Já Rehana, consegue a liberdade ao ir até a embaixada após os conselhos de Muhammad e mentir durante a entrevista para a retirada do visto para encontrar seu noivo prometido. Durante o clímax, as duas personagens convergem para um mesmo estado emocional: o de alívio.

O desfecho dos dois contos retrata a diferente relação das mulheres com o casamento, a primeira, já casada há anos, mesmo esperando para que a separação ocorresse, ainda se mantém enraizada ideologicamente ao marido, pois conclui tentando lembrar para si mesma: “Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o cesto da visita” (p. 24, 2016). E a srta. Rehana, do conto de Rushman, encerra mais feliz, aliviada por não mais casar com um homem que mal conhecia: “não acho — ela lhe disse —, realmente não acho que o senhor deva ficar triste.”, a conclusão ainda remonta ao início do conto, quando vemos a personagem através do narrador observador que nos diz: “o último sorriso dela, que ele observou dali do pátio até o ônibus esconder numa nuvem de poeira, era a coisa mais feliz que ele jamais viu” (p.19, 2011), nos colocando, novamente, longe da personagem, apenas admirando sua beleza reforçada por sua felicidade.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XXVI Seminário de Iniciação Científica

Considerações Finais

Fica claro, através da leitura dos contos analisados que a dominação feminina se dá em diversas instâncias, mas que o casamento se coloca como um domínio simbólico principal, pois a partir dele se dá não só o poder sobre a sexualidade feminina, mas a sua própria subjetividade. Rehana é uma jovem que percebe um futuro pela frente, justamente por ainda não ter casado. A personagem de Mia Couto, mesmo ficando livre do casamento, reproduz a dominação ideológica masculina, onde relembra a si mesma, constantemente, que não existe mais um homem ao qual deva se subordinar, demonstrando uma certa falta de propósito de vida.

O sexo se coloca como um elemento chave nas duas obras como distanciador e aproximador entre as personagens femininas e masculinas. Os dois autores utilizaram de forma magistral o simbolismo do alimento como metáfora para como a relação sexual, ou a possibilidade deste, conduz as relações entre os dois sexos. Mia Couto coloca o sexo como consequência do casamento e seus reflexos em uma relação estritamente falocêntrica são avassaladores para a mulher. Rushdie cria uma personagem mais dona de si, que tem o poder de escolher o que pode vir a fazer: apesar de o ato sexual não ser mencionado, percebemos que é uma possibilidade metafórica.

O casamento se apresenta como a força motriz que move as duas personagens, sendo o seu impedimento o ponto de virada nas obras; dando a oportunidade para ambas terem o controle de suas vidas. A construção da subjetividade feminina em relação à dominação masculina não é demonstrada na diegese dos contos, mas fica subentendida como o desfecho de ambos: as duas personagens terminam felizes ao se desvencilhar da figura do homem. Os dois escritores, expoentes na literatura contemporânea, colocam de forma genial o leitor como co-criadores das histórias ao deixarem um final em aberto, deixando margem para a inferência de que agora elas podem se preocupar com elas, e apenas elas.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. São Paulo: Bertrand Brasil. 2002.
COUTO, Mia. O Cesto in O Fio das Miçangas. São Paulo: Companhia das Letras. 2016.
GANCHO, Cândida Vilarés. Como Analisar Narrativas. São Paulo: Ática. 1991.
PATERMAN, Carole. O Contrato Sexual. Rio de Janeiro: Paz Terra. 1993.
RUSHDIE, Salmon. Bom Conselho é Mais Raro que Rubis in Oriente, Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso. 2011.